

Potenciais para Cidade Aberta no Maletta: Premissas para Ruptura das Cidades Fechadas

Potenciales de Ciudad Abierta en Maletta: Supuestos para Romper Ciudades Cerradas

Sessão Temática:

Patrimônio e Memória

História e Historiografia

Lutas urbanas e práticas insurgentes

COLLINS, Lydia; Bolsista de Pesquisa Fulbright; Escola de Arquitetura da UFMG

Lydia.collins512@gmail.com

FREITAS, Daniel Medeiros; Doutorado; Escola de Arquitetura da UFMG

daniel-freitas@ufmg.br

Resumo

O artigo, parte integrante de uma pesquisa mais ampla em andamento, parte do conceito de lugar e das premissas de uma cidade aberta para discutir, por meio do patrimônio do planejamento urbano de Belo Horizonte, o potencial dos espaços urbanos e arquitetônicos de uso público. Mobilizando o conceito de cidade aberta, o artigo analisa a situação específica do *Edifício Arcângelo Maletta* ("Maletta") por meio de entrevistas e visitas ao local. O artigo aponta para a importância dos modelos urbanos na definição de formas urbanas rígidas e segregação espacial e, por meio de rupturas e consistências observadas no estudo de caso, avança na discussão de estratégias para romper com esse patrimônio e construir novas formas sociais e espaciais.

Palavras-chave (3 palavras): Sentido do Lugar, Projeto Original de Belo Horizonte; Cidade Aberta.

Abstract

The article, an integral part of broader in-progress research, starts from the concept of place and the premises of an open city to discuss, through the heritage of urban planning in Belo Horizonte, the potential of urban and architectural spaces for public use. Mobilizing the open city concept, the article analyzes Edifício Arcângelo Maletta's ("Maletta") specific situation through interviews and site visits. The article points to the importance of urban models in the

definition of rigid urban forms and spatial segregation and, via ruptures and consistencies observed in the case study, advances the discussion of strategies to break with this heritage and build new social and spatial forms.

Keywords: Sense of Place; Belo Horizonte Original Plan; Open City.

Introdução

Este artigo aplica o conceito de cidades abertas e fechadas de Richard Sennett (2018) a Belo Horizonte, a primeira capital formalmente planejada do Brasil, com o objetivo de identificar padrões de fluidez que resistam à rígida história da cidade. Segundo Sennett, cidades fechadas se caracterizam por ser socialmente segregadas, fisicamente rígidas e culturalmente resistentes à mudança – características que podem ser rastreadas nas concepções culturais e políticas que motivaram os primeiros rascunhos de seus planos urbanos e que foram amplificadas ao longo do tempo por meio das políticas urbanas e dos projetos arquitetônicos. Por outro lado, as cidades abertas seria aquelas onde o conflito e a complexidade são constantemente mobilizados como ferramenta de construção da cidade e na qual os planejadores admitem a sobreposição de múltiplos usos, potencialmente fomentando a negociação contínua por meio de seus elementos.

Neste texto, estabelecemos a história planejada de Belo Horizonte como reflexo das técnicas de construção da cidade fechada e, em seguida, discutimos como o diálogo crítico com essa história do planejamento urbano fechado contribui para desvendar possibilidades para a construção de cidades abertas. Para fundamentar esse quadro, realizamos um estudo de caso no *Edifício Arcângelo Maletta* (Maletta) de Belo Horizonte, um edifício que ao mesmo tempo rompe e se conforma com os elementos fechados da cidade circundante.

Motivados pela necessidade urgente de urbanistas e arquitetos catalisarem cidades economicamente, socialmente e ambientalmente sustentáveis, os autores têm três objetivos principais: iluminar a herança do urbanismo europeu e norte-americano do século XIX no Brasil, contextualizar o trabalho de Richard Sennett preocupações mobilizadas ao longo da pesquisa e usadas para analisar o estudo de caso e para criar uma base pedagógica para o ensino do desenho urbano.

Guiados por experiências compartilhadas de urbanismo e ensino relacionadas às duas cidades, a pesquisa mais ampla propõe desenvolver uma lente de análise com o objetivo de

identificar espaços que resistam aos princípios de planos urbanos segregados, insustentáveis e fortemente desiguais. Para tal, por meio da articulação entre cinco premissas para uma cidade aberta oferecidos por Sennett (2018) e de quatro critérios delineados por nossas próprias experiências profissionais e pessoais, propõe-se avançar na construção de critérios que possam ser incorporados à leitura dos lugares e, de modo mais específico, ao ensino de práticas de projeto e planejamento do ambiente construído.

O artigo está organizado em três partes. Na primeira explicitamos o referencial teórico metodológico utilizado na pesquisa e adaptado para o estudo de caso apresentado. Na segunda discutimos a perspectiva histórica utilizada na pesquisa. Na terceira e última parte apresentamos o estudo do Maletta e apresentamos recomendações para a prática pedagógica.

Referencial Teórico-Metodológico

Nosso referencial teórico-metodológico se situa na interface entre a geografia cultural mais próxima da fenomenologia e suas contribuições para o conceito de lugar enquanto espaço de identidade e resistência (CRESWELL, 1994), e espaço da vida cotidiana (MASSEY, 1994), sobretudo o modo como este conceito foi incorporado ao campo do planejamento e projeto de espaços urbanos (DEL RIO, 1990). Do ponto de vista da análise histórica, o artigo mobiliza a tradição de história das ideias recorrentes nos campos da teoria do planejamento e da arquitetura (CHOAY, 2007), com especial atenção para a correlação entre a imaginação política e social e os princípios funcionais e formais das cidades planejadas (SENNETT, 2018). Por fim, em relação à análise das situações contemporâneas in loco, a pesquisa da qual este artigo faz parte privilegia práticas de leitura do lugar e entrevistas semiestruturadas como estratégia mais adequada para o registro de narrativas e percepções sobre os espaços estudados, complementando essa análise com nossa vivência técnico-especialista ampliada por meio de nossas percepções e experimentações de diferentes técnicas de registro espacial¹.

Como ponto de partida, consideramos o sentido de lugar (*sense of place*) a partir da tradicional sistematização proposta por Canter (1977) e suas três esferas de constituição do conceito. A Forma, definida como o sistema de objetos conformado pelos elementos urbanos e arquitetônicos que afetam (limitam ou potencializam) as ações no espaço. Ao olhar para a forma, nos perguntamos: Como isso foi projetado? Quem idealizou, impôs e

¹ A pesquisa selecionou outros três casos em Belo Horizonte: o Mercado Novo e seu entorno, o Sulacap e o Viaduto Santa Teresa, além de análises preliminares a situações análogas, como Galeria do Ouvidor, Shopping Cidade, Praça Sete de Setembro, entre outros. A primeira parte da pesquisa, realizada em Belo Horizonte, foi iniciada em março/2022 e tem previsão de conclusão em dezembro/2022.

construiu? Qual é o seu contexto físico e como ela dialoga com este contexto? Como ela afeta o modo como as pessoas agem no espaço? A segunda esfera, Atividade, identifica os sistemas de ações, usos e apropriações que os usuários do espaço realizam. Para entender as atividades, nos perguntamos: Quais são os usos? Quem tem poder de decisão? Quem frequenta o espaço? Por fim, a terceira esfera, Sentido, é definida como a percepção das pessoas em relação ao espaço e aos usos que dele fazem. Perguntamos na análise do sentido: Como as pessoas diferentes se sentem neste espaço? Ele é acessível? Para quem e quando? A quem pertence esse espaço e quem poderia ser considerado intruso? Quais os limites desse espaço?

Para melhor operacionalizar o conceito de sentido de lugar e trazê-lo para mais perto das situações estudadas, utilizaremos a discussão proposta por Sennett no trabalho *Construir e Habitar* (2018). Analisando o modo como as cidades são construídas, o autor argumenta contra o que chama de cidade fechada – segregada, rígida e incapaz de se adaptar às mudanças e controlada, e, em vez disso, pede a integração de formas urbanas abertas.

Para viabilizar formas urbanas abertas, Sennett (2018) defende ampliar o papel do conflito e da complexidade enquanto ferramentas de construção da cidade, incentivando a negociação contínua e permitindo a existência de dissonâncias e incoerências na cidade. No lugar de rejeitar o que não se encaixa no plano, as cidades abertas seriam um reflexo mais direto das formas como vivemos - não lineares, incompletas, conflituosas e em constante processo de autodescoberta. Para o autor, as formas abertas poderiam ser definidas a partir de cinco premissas:

1. *Centros urbanos síncronos*, definidos pela sobreposição de usos e atividades verdadeiramente distintas. Por exemplo, um mercado aberto durante o dia e que funcione como local de shows à noite e onde vendedores possam vender seus produtos. Esta sincronicidade requer um convite à mistura ao invés de imposição de usos, as pessoas seriam atraídas porque ele oferece algo não facilmente acessado em outro espaço.
2. *Elementos de orientação para frequentadores*, uma vez que a complexidade enriquece a experiência, mas essa experiência pode ser diminuída se a desorientação for muito forte, sendo importante a existência de elementos urbanos com a função de permitir e comunicar a especificidade do lugar.
3. *Formas incompletas* que materializem as partes de um todo e sejam capazes também de, com o tempo, evoluir para atender à necessidade de mudança dos usuários, não esgotando as possibilidades de usos futuros no momento de projeto e construção.
4. A importância de *membranas porosas*, usando uma metáfora da biologia para barreiras que permitam à matéria fluir, mas sem uma relação totalmente fluida com o exterior. Ao construir membranas nas bordas dos espaços que envolvem tanto

porosidade quanto resistência, os planejadores podem melhor mediar as tensões entre os lugares.

5. Formas urbanas que plantem *sementes para construção de lugares*, estimulando resultados específicos a cada contexto e multiplicidade de cidades abertas.

A partir das premissas acima, selecionamos quatro critérios que nortearam nossa escolha de estudos de caso: (1) espaços com maior diversidade de raça, classe e idade; (2) espaços localizados dentro da cidade planejada, o que nos permite estudar como as pessoas resistem às condições rígidas e introduzem novas formas, usos e significados; (3) espaços com reutilização de edifícios antigos em centros urbanos densos (lugares com múltiplas camadas de história); (4) espaços que produzem cultura (artística, culinária, política, música, dança, pintura e lazer) para entender como o trabalho cultural dialoga com outros usos e como a cidade pode estimular a criação de novas culturas.

Os próximos capítulos tentam definir a cultura da construção original da cidade de Belo Horizonte. Em seguida, aplicamos os critérios de cidade aberta a uma análise de um espaço específico da Belo Horizonte contemporânea, o edifício Maletta. O emparelhamento desses dois capítulos, em última análise, informa uma lente de cidade aberta que aumenta a agência desses atores no ambiente construído para se envolver criticamente com a história urbana, a fim de catalisar futuros mais sustentáveis e equitativos.

Belo Horizonte: Plano Rígidos e Cidade Fechada

Em 1893, as elites de Minas Gerais planejaram construir uma nova capital a fim de se afastar do passado colonial representado por Ouro Preto. Voltando-se para o futuro, as elites mineiras desejavam um estado inserido no século XX e que fosse “empório comercial, centro industrial e santuário intelectual” (Annaes do Congresso Constituinte, p. 88).

Quando começo o processo, a CCNC de Belo Horizonte (Comissão Construtora da Nova Capital), dirigido por engenheiro Arão Reis, se alinhava aos padrões convencionais de projeto urbano, se aproximando das soluções de Versailles (elaboradas por Le Notre em 1661), Paris (elaboradas por Haussmann em 1860) e de Washington DC (elaborados por Charles L'Enfant em 1791). Do ponto de vista da forma urbana, em síntese, o design de inspiração barroca foi transposto por meio da malha ortogonal sobreposta a largas avenidas diagonais que conectam locais estratégicos, incluindo edifícios governamentais e monumentos. Reis se comprometeu com rígidas diretrizes geométricas internas, em alguns casos ignorando a topografia e as funções urbanas, criando situações com declives acentuados e interrupções do traçado.

Importante lembrar que, mais do que inspirar a estética urbana, a solução formal dos modelos europeus se orientava pela lógica do mercado de terras e pela repressão a revoltas sociais (MUMFORD, 1961). As largas avenidas que cortavam o denso labirinto de ruas em Paris eram pensadas para facilitar o rápido movimento de tropas em áreas da cidade com convulsões e, ao mesmo tempo, fomentar, por meio do poder do Estado, diversas oportunidades de investimento imobiliário e contrato de obras públicas. Conforme Adelman (1974), “os historiadores da arquitetura argumentam que onde quer que os homens tenham desejado simbolizar a autoridade e a vontade do Estado [...], eles adotaram a linguagem do projeto cívico barroco” (p. 52). Para Sennett (2006), trata-se da gênese de um modelo de cidade fechada no qual cada elemento tem seu lugar e qualquer coisa que não se encaixe perfeitamente ao plano é rejeitada. Uma das consequências é o que o autor identifica como expulsão das “experiências que se destacam porque são contestadoras ou desorientadoras; coisas que ‘não se encaixam’ são diminuídas em valor” (p.4).

Essa característica de cidades fechadas de rejeitar o que não obedece à homogeneidade planejada se reflete nas mudanças sociais e políticas ocorridas no mesmo período. Com a abolição da escravidão em 1888, o Brasil enfrentou uma enorme demanda de reestruturação dos sistemas econômicos e sociais. Porém, a abolição da escravidão não mudou as condições econômicas, sociais, e políticas dos afro-brasileiros.

Em Minas Gerais, cuja economia havia sido construída e estruturada na escravidão, a adequação da mineração e da agricultura à abolição se estruturam em bases muito semelhantes. Segundo historiadora Josemeire Alves Pereira (2019), “a ‘modernização da mineração’ proposta pelos liberais locais não rompeu completamente com a tradição colonial – portanto, não rompeu com os valores políticos e ideológicos que sustentavam a dinâmica de uma sociedade escravista” (p.22).

O crescimento urbano orientado pela especulação imobiliária da época, forçou trabalhadores que construíram a cidade, maioria Afro-Brasileiros, nativos e imigrantes, a viver fora do centro planejado. Em nome da integridade do plano, a Comissão Construtora negava títulos da terra aos trabalhadores (McDonald, 2019, p.2). Em uma carta aos funcionários, Reis escreveu: “Não podemos mais permitir que simples diaristas ocupem casas cobertas que [devem ser disponibilizadas] para funcionários mais graduados” (CCNC, 1895). O traçado rígido do centro da cidade e a definição estrita de quem tem e não tem o direito de ocupar o interior do Contorno legitimaram a expansão da periferia e a cultura da exclusão na construção da cidade. Essa exclusão fechada da cidade criou as primeiras favelas do Brasil, que se tornariam uma característica definidora das cidades brasileiras nos próximos séculos.

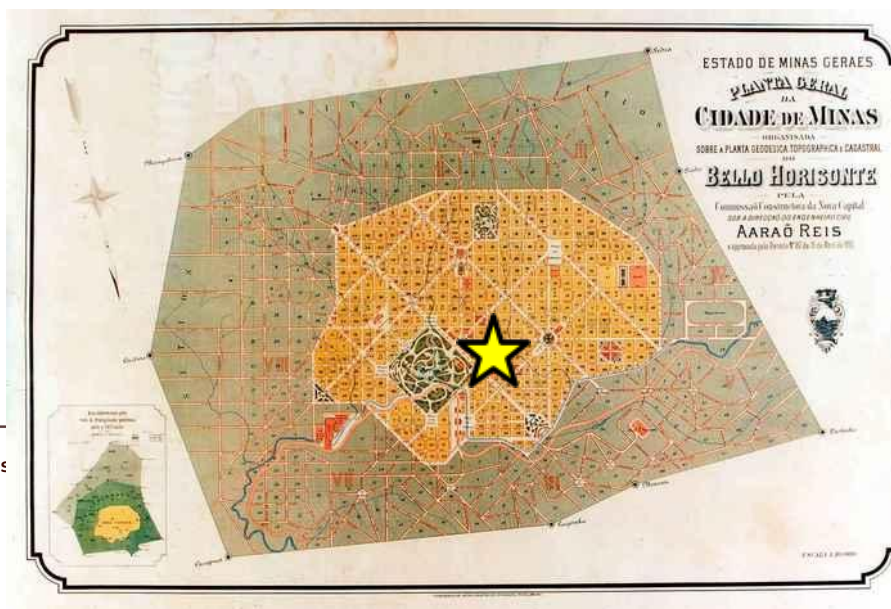
O caráter “fechado” das relações sociais e físicas incorporadas por essa cultura deixa, tanto no centro planejado quanto na forma como se deu a expansão urbana da metrópole, uma marca na forma urbana e arquitetônica.

Potenciais para a Cidade Aberta do Maletta

Cento e trinta anos após a construção da cidade, buscamos compreender como os sítios do centro planejado de Belo Horizonte resistem à sua história de construção de cidade fechada ao incorporar, complexificar ou rejeitar os elementos da Cidade Aberta de Sennett. Cientes das inúmeras possibilidades de interpretação, não estamos tomando como ponto de partida que o Maletta é um edifício perfeitamente “aberto”, mas treinando nosso olhar para identificar potenciais de abertura nos espaços e, também, suas contradições, conflitos e restrições.

Optamos por registrar o estudo de caso do Maletta por ter sido o primeiro concluído dentro da pesquisa e o que melhor atende aos nossos critérios - espaço interno, uso diverso, localizado no centro planejado, espaços reaproveitados e local de produção cultural -, além de ser a situação com maior acesso a entrevistas e informações secundárias. Especificamente para este estudo de caso, a pesquisa realizou oito entrevistas identificadas no texto da seguinte forma: (1) historiador local, (2) dona de restaurante, (3) dono de uma escola de panificação, (4) cabeleireira, (5) empresária de moda, (6) dono de apartamento, (7) assistente social e (8) consultor de pequenas empresas. A análise foi complementada por conversas informais com amigos e conhecidos que frequentam os eventos, bares e lojas do Maletta, além de dez visitas ao local realizadas no primeiro semestre de 2022, e informações de fontes secundárias. As transcrições das entrevistas foram inicialmente sistematizadas de acordo com as esferas do sentido de lugar - forma, atividade e sentido -, e, em um segundo momento, analisadas a partir de observações *in loco* a partir das premissas de Sennett.

Figura 1: Localização do Maletta (estrela amarela) dentro da cidade planejada



Fonte: Arquivo Publico de Belo Horizonte

O Maletta é um dos principais edifícios do centro de Belo Horizonte. Construído no final da década de 1950, é uma dos primeiros e mais radicais exemplares da arquitetura moderna na cidade. Foi planejado para ser o maior centro de compras da época e tinha como objetivo criar uma cidade dentro de sua estrutura de 81 mil metros quadrados, 19 andares de espaço comercial, 642 salas, 72 lojas, além dos 31 andares residenciais com 319 apartamentos (COSTA, 2022). Com o passar dos anos, o edifício ganhou notoriedade como ponto de encontro cultural, no qual intelectuais e artistas passavam pelas residências dos andares superiores e frequentavam os bares dos andares inferiores. Durante a ditadura militar (1964-1985), o edifício era considerado um dos portos seguros para a resistência local. A proposta de criar uma cidade dentro de outra cidade ainda hoje é um referencial importante na percepção das pessoas diante ao modo como as formas, usos e sentidos colocam para dialogar uma complexa sobreposição de lojas, residências, escritórios, bares e locais de circulação intensa (Figura 2).

Figura 2: Corredor de entrada e a Cantina de Lucas à direita, restaurante tradicional.



Fonte: Acervo próprio.

O edifício possui dois acessos para a cidade, um deles sem porta, permitindo permanentemente que a cidade transborde para dentro do prédio ou que o prédio se derrame sobre a cidade (Figura 3). Como observou um dos entrevistados, "ao subir as rampas que marcam as entradas, você não está saindo da Avenida Augusto de Lima, mas, continua subindo essas ruas para dentro do prédio". Os dois acessos são marcados de modo discreto e, se você não estiver atento, pode passar direto sem perceber a entrada. Esses elementos conformam um espaço de fácil orientação (segunda premissa de Sennett), fundamental para que frequentadores assíduos ou não se sintam confortáveis para explorar a complexidade dos usos internos.

Figura 3: Entrada do Maletta vista pela Avenida Augusto Lima.



de

Fonte: Acervo próprio.

Para representar o sentido do lugar do Maletta, um dos entrevistados falou, "o Maletta tem vida própria, é antropomórfico", destacando o modo como o edifício dialoga com a cidade e se comunica permanentemente com as ruas que o cercam. Adicionou, "O Maletta troca de roupa ao longo do dia, à medida que as muitas pessoas que frequentam o prédio passam por seus corredores. Se for de manhã, o Maletta está vestindo a roupa dos moradores que estão saindo para o trabalho, voltando do turno da noite, ou frequentando as lojas para suas compras diárias". Maletta possuem uma especificidade que o distingue dos demais edifícios da área central. Grande parte das metáforas citadas busca lidar com a sincronicidade das funções do edifício (primeira premissa de Sennett), fundamental para conformar narrativas capazes de lidar com a diversidade de usos sem simplificações ou regras de restrição.

A organização da vida comunitária também exerce papel importante na rotina e percepção do edifício. De acordo com um dos entrevistados, "há um certo sentimento de solidariedade entre os moradores e, durante a pandemia, muitos vizinhos se organizaram para apoiar os vizinhos mais vulneráveis". Além disso, o proprietário do apartamento entrevistado informou

que, também durante a pandemia, os moradores puderam pagar aluguel atrasado, estratégia emblemática de uma certa agilidade das relações sociais da comunidade que permite que novas ações dessa natureza se viabilizem de forma rápida. Os entrevistados creditam isso à história do edifício como um local de resistência e coletivismo, mas também à forte e consolidada estrutura de administração do edifício.

Importante registrar que a administração mantém segurança em cada acesso, tornando o edifício semipermeável ao público. Nos espaços comerciais do primeiro e segundo andar há uma nota da associação do condomínio proibindo a entrada de vendedores ambulantes (Figura 4). Segundo um dos entrevistados, isso ocorreu em função de pequenos furtos realizados por pessoas se passando por vendedores. A permeabilidade entre o público e privado no Maletta dialoga de modo próximo ao conceito de membrana de Sennett, no qual as fronteiras entre os espaços não devem ser completamente fluidas ou impermeáveis, mas propor uma porosidade continuamente negociada. Para Sennett: “A porosidade existe em diálogo com a resistência: um diálogo que às vezes significa que a célula está aberta a ser inundada e às vezes é retentiva” (p. 250). Aqui, o limite poroso é uma ferramenta que o corpo administrativo do edifício está usando para definir quem tem acesso ao espaço interior semipúblico, quem pode inundar o espaço. Embora não seja levantado nas entrevistas, observamos que a identidade do Maletta como um lugar aberto a todos é tensionada nesse caso. Somente depois de passar pela segurança, a partir de critérios relacionados ao potencial de consumo, pertencimento ou não à comunidade residente e estigmas relacionados à raça e classe social, você pode entrar no prédio.

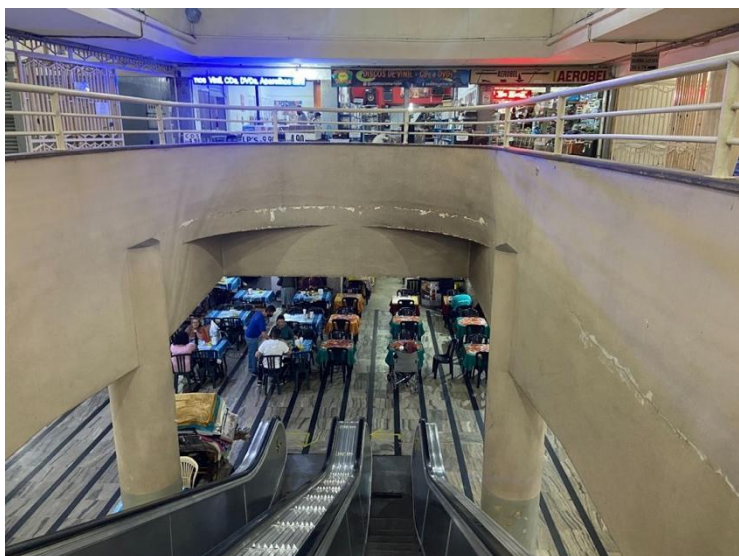
Figura 4: Aviso de proibição de acesso a vendedores ambulantes e, à direita, segurança contratado para controlar o acesso.



Fonte: Acervo próprio.

Uma vez dentro do prédio, você é recebido por um conjunto de lojas, restaurantes e bares, quase sempre movimentado e com atividades que dialogam com o centro síncrono nos termos de Sennett (2018). No coração do primeiro andar, você se depara com uma escada rolante de grandes dimensões, a primeira de Belo Horizonte (Figura 5). Na época da construção houve um investimento financeiro significativo nesta infraestrutura, atípica em espaços construídos para moradores de classe baixa e média. Porém a escada está quebrada há décadas, sem previsão de volte a funcionar. Ainda assim é um elemento cuja forma e escala permitem aos visitantes se orientar dentro do espaço do edifício, demarcando claramente o acesso ao segundo piso. Próximo à escada, fora do eixo visual principal, há ainda uma rampa circular confortável, uma segunda opção de acesso.

Figura 5: Escada rolante do Maletta.



Fonte: Acervo próprio.

No segundo andar, encontramos uma feira que a associação de pequenos negócios patrocina todos os meses na ampla área de circulação central na qual dezenas de pessoas se distraem olhando roupas de brechó, artesanatos, livros e discos usados (Figura 6). O ambiente é animado ainda que desconfortável, com iluminação deficiente, problemas de manutenção e ruído de conversa e trânsito. Um dos entrevistados comentou que “as pessoas vão a Maletta não pela qualidade da acústica ou iluminação, mas pela disponibilidade de socialização em um lugar, porque é um espaço que produz identidade”. Na mesma linha, a empresária de moda disse sem rodeios: “O Maletta está mal preservado”. No entanto, na mesma frase, completou que este foi um excelente lugar para

iniciar seu negócio, em grande parte pela história do edifício e por ser um ponto de encontro de cultura, gastronomia, literatura e arte.

Figura 6: Feira de artesanato e economia popular no segundo piso do Maletta.



Fonte: Acervo próprio.

Em um canto mais escondido, encontra-se um estúdio de cabeleireiro dirigido por um casal de empreendedores. Quando questionados sobre sua decisão de se instalar no Maletta, eles também creditaram sua história às especificidades do edifício enquanto um local de resistência e cultura. A visão por trás do estúdio é “fornecer serviços holísticos para cabelos cacheados, especialmente para mulheres negras”. Ao refletir sobre a cultura em que foram criados e que privilegia os padrões de beleza eurocêntricos, eles informaram que seu trabalho é um ato de resistência e queriam estar em um lugar que tivesse esse valor também.

A brisa das varandas no entorno convida você a sair do espaço central e percorrer os corredores que passam por mais restaurantes e bares, até chegar a uma ampla varanda com vista para a Augusto de Lima (Figura 7). Neste espaço, que circula a fachada voltada para a rua, você encontra mesas e cadeiras quase sempre ocupadas por pessoas fumando, bebendo, conversando e apreciando a vista. A varanda se abre para a copa das árvores, dando a sensação de estar em uma casa de árvore, mesmo estando acima de um dos cruzamentos mais movimentados da cidade. “Você se sente em cima das árvores”, disse a dona do restaurante que ocupa uma das lojas da varanda. A entrevistada conta que sua preferência sempre foi ter um restaurante no centro da cidade. “Aqui tem tudo. É acessível a todos os tipos de pessoas, idosos, estudantes e profissionais. Você pode encontrar qualquer coisa no Centro.” Mas nem tudo é tão ameno. Ela também relata a presença persistente da poluição sonora e atmosférica que a lembra da proximidade da rua, situação que exige a limpeza diária do espaço para livrá-lo da poeira.

Figura 7: Desenho das lojas na varanda, estratégia investigada na pesquisa para registrar percepções do olhar estrangeiro sobre os lugares analisados.



Fonte: Acervo próprio.

Na hora do almoço, quando profissionais liberais, trabalhadores de serviços, estudantes idosos e moradores começarem a ocupar as mesas dos corredores, você observará o segundo traje do Maletta. Como disse um entrevistado, “não há realmente nada de especial na comida ou nos corredores onde você come, as pessoas vão lá para se socializar, porque é um lugar especial, porque tem identidade”. Seguindo pela varanda, você encontra uma escola de panificação com características mais evidentes de remodelação recente do espaço, incluindo janelas semitransparentes com aros de metal escuro e plantas em cascata sobre a entrada. O proprietário adquiriu o espaço em 2013, lançando uma galeria de arte no entorno exclusivamente comercial do segundo piso do Maletta. Na época, havia principalmente gráficas e lojas vazias no local. Com o tempo, o espaço tornou-se um bar e, em 2017, o proprietário iniciou o processo de adaptação do espaço para o uso atual. Segundo o entrevistado, ele teve uma boa experiência com a associação do condomínio durante a reforma, impressão também compartilhada pelos outros empresários entrevistados.

No entanto, quando levantamos esse atributo aparentemente positivo para outros entrevistados, alguns responderam com uma pergunta: “mas se adaptar a quem?” Essa crítica é uma resposta à chegada de novos usos e, à medida que mais atividades fluem para

Maletta pós-pandemia, um medo da perda da cultura que criou sua identidade. A inversão dos usos do espaço da escola de panificação coincide com o comentário de um entrevistado de que os últimos dois anos começaram a dar sinais de um “novo despertar”. O que parece estar acontecendo é que o público popular tradicional nem sempre se sente à vontade nos espaços mais novos, sendo mais uma ameaça comportamental do que um deslocamento financeiro. O dono da escola de padaria confirmou que não houve alteração na mensalidade do condomínio, pois acredita que se houvesse, os negócios sairiam e não haveria poder de mercado suficiente para uma rápida substituição das vitrines.

Observa-se aqui a terceira premissa de cidade aberta - a forma incompleta. Embora o edifício possua uma forma externa rígida, necessária para suportar os mais de trinta andares de espaço de uso misto, ele conseguiu manter uma estrutura interna vibrante e adaptável. Os corredores são ladeados por essas formas incompletas, como módulos de “caixas de sapato”, pequenos e acessíveis o suficiente para que empresas diversas e de baixo rendimento sobrevivam. Como evidenciado pelas múltiplas vidas da loja que hoje abriga a escola de panificação, o espaço possui boa capacidade de adaptação a diferentes formas e atividades. A garantia de boa visibilidade e acessos amplos e de qualidade contribuem para essa condição.

Em suporte à resiliência do Maletta, o proprietário do apartamento comentou que o edifício tem uma capacidade incomparável de manter sua identidade. Segundo o entrevistado, mesmo durante a pandemia, que obrigou alguns negócios a fechar, a dinâmica do edifício não mudou e continua a encarnar uma cultura de resistência. O baixo custo de aluguel, uma base consistente de clientes e a localização central garantem que as empresas recebam os clientes, ao mesmo tempo em que lhes dão espaço para inovar dentro da cultura do edifício.

Trabalhando para lidar com essa mudança de identidade está um grupo de pequenos empresários que se reúne uma vez por semana para participar de sessões de capacitação oferecidas por um serviço municipal (Figura 8). Motivados tanto pelo crescimento de seus negócios após os efeitos da pandemia, quanto pela sustentação da cultura do Maletta, o grupo definiu três valores centrais para a associação: comunicação, resistência e diversidade. Assim, os empresários vivem uma contradição – conciliar o aumento do público com a preservação da cultura de resistência que originalmente os atraiu para o edifício e sustenta seus negócios. Este tipo de organização, quando se articula com a identidade das áreas públicas do edifício, conforma uma maior capacidade de ação dos envolvidos sobre a forma urbana e arquitetônica, um potencial de acessar dispositivos de criação de cidades mais cidade abertas.

Figura 8: Reunião semanal do grupo de pequenos empresários do Maletta.



Fonte: Acervo próprio.

À noite, a diversidade do Maletta fica ainda mais evidente. De quinta a domingo, os bares abrigam diferentes públicos, raças, gêneros e sexualidades, em centenas de mesas e cadeiras de plástico que se espalham pelas calçadas e pelas varandas (Figura 9). Esta é a última mudança de roupa do Maletta. De modo geral, os clientes mais jovens vão para a varanda do segundo andar ou para os bares da Rua Bahia e os não tão jovens frequentam os bares mais antigos do andar principal. Com base no preço relativamente baixo da comida e da bebida, os bares são acessíveis a muitos moradores, mas há quem diga que o segundo andar ficou mais caro nos últimos anos.

Figura 9: Bares localizados nos corredores e varanda do segundo piso do Maletta.



Fonte: Acervo próprio.

Em conclusão, escreveu Sennett, “o santo graal do design urbano é criar lugares que tenham um caráter particular”. Resumindo a análise, os elementos de “cidade aberta” propostos por Sennett que Maletta encarna mais de perto – membranas porosas, usos sincrônicos, orientação e formas incompletas – criam um caráter particular que pode ser definido pelo estímulo à adaptação. As identidades físicas, sociais e históricas de Maletta interagem umas com as outras para criar um sentido de lugar que permite a quem o ocupa moldar seu futuro. Argumentamos que a sólida identidade social de Maletta, enraizada em sua história de resistência, se manifesta em sua capacidade contemporânea de se permitir mudar. Talvez esta seja uma identidade por si só – a capacidade de se adaptar àqueles que a habitam – enquanto mantém uma estrutura fundamental impulsionada por valores que enfatizam a conexão social.

Resultados

Tomando como ponto de partida a operacionalização do conceito de lugar através de premissas para uma cidade aberta, apresentamos uma ampla discussão histórica de Belo Horizonte e destacamos a relação entre os modelos de forma urbana e as subsequentes decisões políticas e econômicas decretadas para manter cidades fechadas.

Sobre a escolha do Maletta e, de modo mais amplo, das áreas centrais planejadas como objeto de análise, buscamos demonstrar como este recorte nos ensina a identificar o modo como diferenças e potenciais rupturas podem ou não florescer dentro de estruturas fechadas e sistemas que as reprime. Neste sentido, observamos uma tendência dentro dos estudos urbanos recentes sobre Belo Horizonte de, diante de uma demanda de deslocamento legítimo do olhar para fora da cidade planejada, reduzir a complexidade da área central enquanto cidade formal ou lugar de segregação, o que, argumentamos, invisibiliza diversas ações de pessoas de classe baixa e média que, cotidianamente, enfrentam as imposições, conflitos e contradições desse espaço urbano. O centro é relevante porque sua diversidade que existe em conflito e em harmonia demonstra uma ruptura importante de segregação.

As informações obtidas nas entrevistas e sua relação com a análise preliminar dos espaços urbano-arquitetônicos nos permite avançar na identificação de formas e atividades mais ou menos permeáveis à cidade aberta. Três desdobramentos da pesquisa dialogam com a abordagem apresentada: a possibilidade de delinear estratégias projetuais para a prática profissional e ensino; a necessidade de aprofundar nas questões raciais e de gênero, com ênfase na mediação que esse tipo de espaço exerce nas relações sociais; e avançar na representação e espacialização das narrativas e dinâmicas espaciais, superando limitações cartográficas e de desenho projetual. Pretendemos aprofundar o potencial de diálogo e

comparação das cidades construídas no modelo de cidade fechada, avançando na comparação entre os estudos de caso de novos imaginários sociais, sempre com ênfase na atividade cultural mediadora exercida pelos espaços situados na interface entre cidade e arquitetura.

Referências

- CANTER, David. The Psychology of Place. London: The Architectural Press, 1977.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org). Arquitetura da modernidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CONGRESSO, Mineiro. Annaes do Congresso Constituinte. Minas Gerais, 1891.
- CONRAD, Robert. The Destruction of Brazilian Slavery, 1850-1888. Berkeley, 1872.
- COSTA, Edson. Uma cidade dentro da outra: edifício Maletta foi hotel e ponto de encontro de artistas. Itatiaia, Belo Horizonte. 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/editorias/cidades/2022/06/30/uma-cidade-dentro-da-outra-edificio-maletta-foi-hotel-e-ponto-de-encontro-de-artistas>
- DEL RIO, Vicente. Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento. São Paulo: Pini, 1990.
- LE MOS, Celina Borges. Determinações do espaço urbano: a evolução econômica urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte. 1988. n° folhas. 2v. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1988.
- MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- MCDONALD, Daniel. The Origins of Informality in a Brazilian Planned City: Belo Horizonte, 1889-1900. Providence: Journal of Urban History, 2019.
- MONTE-MOR, R.L.M. (Coord.) Belo Horizonte: Espaços e tempos em construção. CEDEPLAR/PBH, 1994.
- MUMFORD, Lewis. A Cidade na História. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PEREIRA, Josemeire Alves. Para Além Do Horizonte Planejado: Racismo e Produção Do Espaço Urbano em Belo Horizonte (Séculos XIX e XX). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2019.
- REIS, Arão. Revista Geral dos Trabalhos. Rio de Janeiro, 1896.
- SENNETT, Richard. The Open City. Berlin: Urban Age, 2006.
- SENNETT, Richard. Construir e habitar. Record: Rio de Janeiro, 2018.

SERPA, Ângelo. Por uma geografia dos espaços vividos. Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.